REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

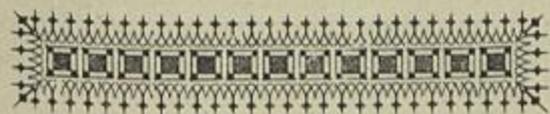
22.º Anno — XXII Volume — N.º 748

10 DE OUTUBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ao começar a escrever a minha chronica, vejo sobre a minha banca o ECCLESIASTES e leio no indice do Capitulo I: «Tudo o que ha de telhas abaixo é vaidade. Nada ha novo debaixo do sol.»

Muito se fala agora de guerra no Transwaal e muito nos inquieta a sorte de Lourenço Marques.

Não ha que esperar. Os partidarios da paz são muitos em Inglaterra; mas partem os transportes cheios de gente e de munições!

E nós todos inquietos pelo que a sorte nos ha de querer reservar! Pobre panella de barro a vogar nas ondas d'um rio revolto!

Pois tempos houve em que fomos a orgulhosa panella de ferro, de que tremiam Africa e Asia e grande parte da Europa, humilde argilla, ao pé do immenso poderio dos portuguezes. Com a cruz de Christo no topo dos mastros, boas peças de artilheria em cada náo, e por toda essa costa africana, no mar das Indias, no mar Vermelho, no golfo da Persia e até para lá do estreito de Malaca, zuniram os peloiros, sangue de gentios tingiu as aguas dos mares, no céo dos tropicos fluctuou, orgulhosa, a bandeira branca.

O que nós fomos!... O que somos agora! Triste coisa é o mundo! Quem, ha trez seculos e meio, lesse o livro que tenho aqui, não pensaria no futuro de Portugal.

«Palavras do Ecclesiastes, filho de David e rei de Jerusalem:

«Vaidade de vaidades, diz o Ecclesiastes: vaidade de vaidades, e tudo vaidade.»

Vanitas vanitatum!

Vaidade de vaidades ainda é menos que *vapor de vapores*, como outros teem traduzido; é nada dos nadas, mero nada.

Não era máo que os inglezes meditassem um pouco sobre o Ecclesiastes.

Quer o Transwaal defender-se, pensam todos os boers do sul d'Africa levar-lhe auxilio. Que bello patriotismo o dos paizes novos! Não ha duvida que mais valem esperanças que tradições.

Assim foram nossos avós tambem, o mesmo amor tiveram ao paiz que fundaram, que, palmo a palmo, foram alargando.

A historia dos paizes novos lembra a velha historia dos paizes velhos.

«Que é o que foi? É o mesmo que o que ha de ser. Que é o que se fez? É o mesmo que o que se ha de fazer. Não ha nada que seja novo debaixo do sol, e ninguem póde dizer: — «Eis aqui uma coisa nova» Porque ella já a houve nos seculos que passaram antes de nós.»

E das probabilidades de guerra ou paz, de grandes successos ou insuccessos, dos receios dos contendores, de *ultimatuns*, de concentrações de forças, da pericia dos boers, do dinheiro dos inglezes, veem os jornaes todos cheios

Até quando se falará no que é hoje o mais falado dos assumptos? Dure a guerra o que durar, outros casos de maior monta, mais dia menos dia, mais anno menos anno, hão de atirar com este para as trevas densas do passado.

E, se guerra não houver, dentro em poucos dias ninguem se lembrará de boers, nem de inglezes... nem de Lourenço Marques, infelizmente, até que cheguem tempos peores

Quem se lembra hoje de Dreyfus? Dentro em pouco nem o nome despertará o vislumbre d'uma lembrança.

Assim ha de com tudo acontecer.

«Não ha memoria do que já foi; mas tambem a não haverá do que tem que succeder depois de nós.»

E a quantos vivos se lhes dá, emquanto vivos, — ó vaidade das vaidades! — o cognome de immortaes!

Se nem aos mortos de ha muitos seculos... Pois o que são mil annos, dez mil annos, na historia da humanidade?

E entretanto o epitheto continua tão usado que até aconselhamos os srs. typographos a que o guardem composto. O immortal orador, o immortal poeta, o immortal dramaturgo, o immortal marcador de cotillons...

Já ninguem morre!

Pois cada vez se morre mais depressa. Vive-se muito agora em pouco tempo. Levavam-se annos para chegar aonde hoje se vai de passeio em poucos dias. E é na proporção d'estes dias para os annos que foram, que hoje se deve contar para tudo o mais o tempo.

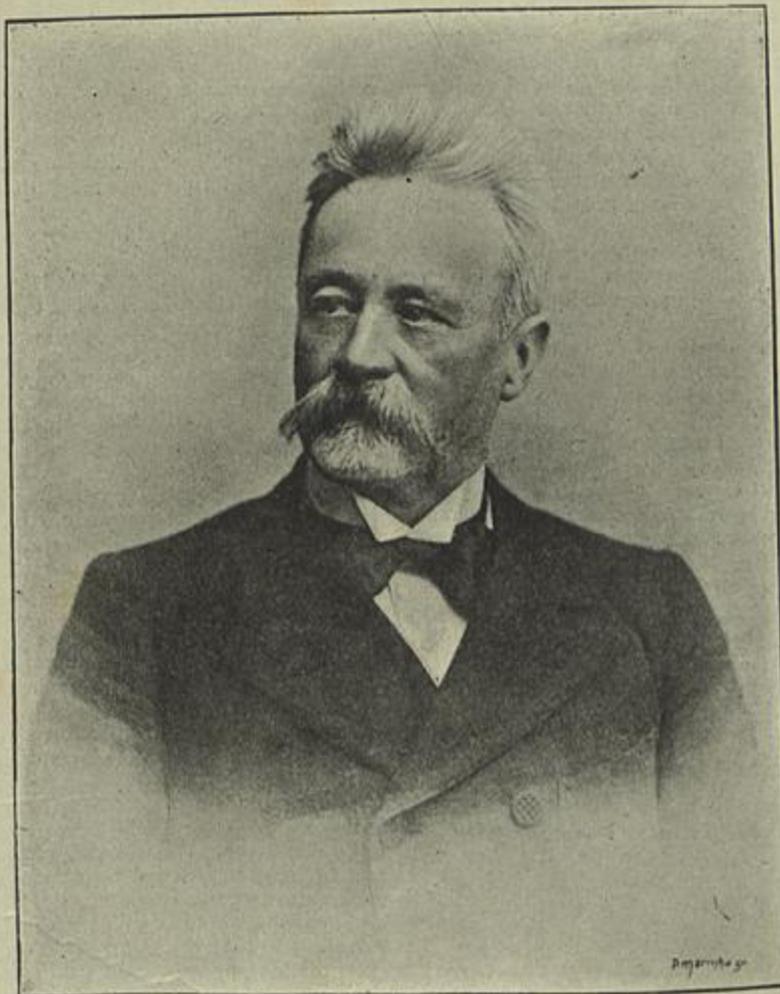
Tudo decrepita a vapor, idéas, theorias, escólas d'artes e litteratura, desde os immortaes principios até á ultima obra immortal do ultimo joven poeta na escala chronologica.

O que vale é que tudo cae de mansinho, sem ruido. Não são edificios de marmores, bronzes e madeira de cedro. Isso foram tempos.. Agora é tudo pasta. E melhor é assim; vai a gente dormindo o seu somno socegado.

Vaidade! Tudo vaidade!

Se de duas em duas linhas fosse repetindo o estribilho, calhava noventa e nove vezes.

E é pela vaidade que se trabalha e ha sede de dinheiro para sustentar vaidades.

O luxo cresce nas cidades, cresce a população das capitaes; todos querem um cantinho incommodo, um saguão que seja, onde abram em leque as pennas de pavão, dando-as a admirar aos outros.

JOSÉ CURRY DA CAMARA CABRAL

— Eu cá só nos grandes centros!...
E cada um d'elles se julga centro do centro.
E está certo. São um pontinho dentro d'um ponto.

Não tarda que todo o luxo de Lisboa — o que não quer dizer *elegancia*, — se desenrole magestaticamente por essa Avenida e pelo Chiado, se alastre nos camarotes de S. Carlos e circos, se exhiba, gritador e antipathico nas tardes amenas do inverno que está a chegar ou em noites de sensação nas casas de espectaculos.

O outomno annunciou a sua entrada com tres noites de trovoada e uma madrugada de muita chuva.

O homem das castanhas já por ahi passára um dia como aviso de que não tardavam após elle dias mais frescos, tardes mais poeticas, de que vão em breve abrir os theatros, de que vae sendo tempo de recolher das praias, de dar um descanço ás pernas dos valsistas e ao delirio dos jogadores.

Mas as chuvas vieram dar que pensar aos mais medrosos da expansão da peste. Vieram de repente, alagaram muito chapeu de palha e apanharam um corcunda, como elle proprio o disse, em corpinho bem feito... Vaidade!

Quem terá razão? disseram logo os medrosos. Agora vae ver-se. Dizem-nos que o microbio quer agua como a caninha, outros dizem que elle ha de morrer apenas diminua a temperatura e que a grande lavagem das grandes chuvas os ha de levar a todos para os quintos do oceano.

Até agora não houve, com as chuvas que teem cahido, maior numero assustador de casos nem mortalidade maior.

A opinião dos medicos sobre a epidemia do Porto a todos suggere a esperança de grande facilidade no combate, se attendidas forem as prescripções dos hygienistas e as cautellas precisas forem tomadas pela auctoridade.

O nome de Ricardo Jorge continua a merecer cada vez maior respeito e sympathia.

É mais que tempo que se faça justiça aos meritos do sabio professor da escola medica do Porto, o distincto bacteriologista que tão offendido se achou...

E mais uma vez o Ecclesiastes nos ajude...

«Os perversos difficultosamente se corrigem, e o numero dos insensatos é infinito.»

É do Ecclesiastes. Que lhe ha de fazer o Ricardo Jorge?

O decreto que modificou a lei de imprensa na parte relativa ás noticias sobre a peste foi em geral bem recebido e não deu felizmente logar a medonhas discussões politicas. Se até com a peste já tanta politica se tem feito!...

Bom era que se lhe puzesse ponto por uma vez; mas d'esse microbio não nos livramos nós tão cedo. Não ha chuvas de outubro que o levem, e a limpeza tem para isso de ser maior e radical.

E emquanto esperamos novas incertas do outomno, vejamos o que elle ao certo nos traz.

Annuncia se uma estrella de primeia grandeza, a grande, a colossal, a brilhante, a famosa, a magrissima Sarah Bernhardt!

Um pouco mais gorda agora, benza-a Deus!

Contava um dia um homem: — «N'isto chega uma carruagem sem ninguem. E quem vejo eu apear-se? A Sarah Bernhardt!

Era ella um qnasi nada — cheio de talento! Onde cabia elle?.. Uma alma não occupa logar. N'aquelle corpo franzininho havia a alma d'um gigante.

Era ella tão magra como o velho e saudoso Anselmo Braamcamp, de quem o Urbano de Castro dizia uma vez: «— Quando qualquer coisa entra n'uma tina, a agua sobe, quando entra o Anselmo Braamcamp, a agua desce.»

A Sarah não envelheceu. Que linda a vemos ainda n'essas photographias já espalhadas por toda Lisboa!

E depois da Sarah a Granier e depois a Hading e depois a Réjane...

Quatro estrellas de lei! Venham-me cá os poetas falar no sete'strello que, apesar do nome, só tem seis estrellas!

Se até ellas!... *Vanitas vanitatum!*

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

JÓSÉ CURRY DA CAMARA CABRAL

Honra-se hoje o OCCIDENTE prestando homenagem a um dos mais notaveis professores da Escola Medica de Lisboa, José Curry da Camara Cabral, homem de sciencia, illustre e respeitado, que mais uma vez agora, nas discussões originadas pelo apparecimento da peste bubonica na cidade do Porto, provou sua altissima capacidade e vastissimos conhecimentos.

Regendo actualmente a cadeira de medicina operatoria, é um dos mais antigos professores da Escola Medica, onde entrou após um brilhantissimo concurso memoravel.

Dedicadissimo em sua clinica hospitalar, a pratica adquirida, junta a estudos continuados e a um grande talento medico incontestavel, tornaram em breve seu conselho um dos mais auctorisados, sendo por isso chamado por todos seus collegas, que todos muito o estimam e consideram, ás consultas mais importantes.

O Dr. Curry Cabral é presidente da Sociedade das Sciencias Medicas, e este titulo lhe bastaria para argumento demonstrador de altissima consideração que a todos seus collegas, muitos d'elles seus antigos discipulos, merece, junta á maior estima pelas excellentes qualidades de caracter.

A SOPA ECONOMICA NO LARGO DE ARROIOS

Desenho de Domingos Antonio de Sequeira, gravura de Queiróz

1813

I

O anno de 1810 é um d'aquelles que, por mais de um motivo, marcam epocha na historia moderna de Portugal; epoca notavel e brilhante.

A dominação franceza obrigára grande numero de compatriotas nossos a procurar na emigração remedio ás prepotencias e vexames, a que o bravo mas grosseiro logar-tenente de Napoleão sujeitava este recem-conquistado paiz.

Londres tornára se o refugio de espiritos cultos que na metropole da Liberdade foram haurir novas forças, mercê das quaes não só combatiam o dominio napoleonico, mas verberavam as velleidades dominadoras da velha e carcomida monarchia, que não tivera, sequer, alentos para tentar resistir-lhe.

A sombra da liberal Inglaterra nascia a imprensa livre, a imprensa independente, que se ia costumando a criticar com tanta isenção quanto criterio os erros e reaccionarias illusões do absolutismo. E emquanto ella começava a ensaiar, em voz notavelmente firme, para quem apenas principiava, os louvores da Liberdade, nascia em Lisboa um portuguez que, primeiro com as armas, com a penna apoz; e penna doutissima de historiador e de philosopho, serviria a Liberdade, e opulentaria com monumentos de saber e prodigios de paciente perseverança, a litteratura patria e a sciencia da Historia. — A 28 de março de 1810, nascia em Lisboa aquelle portuguez illustre, aquelle portuguez de outro tempo, que se chamou ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAUJO.

Por então, porém, os vagidos da recem-nascida escola liberal portugueza, que se preparava para crear gerações inteiras de martyres tão illustres, quanto lhe foram apostolos ferventes e intrepidos, eram abafados pelo estridor das batalhas que se feriam na Peninsula, e mal podiam ser echo dos milhares de gemidos que de um extremo a outro de Portugal clamavam vingança contra os invasores da Patria, covarde e descaroavelmente abandonada.

Depois do exito infeliz da campanha de 1809, e após Talavera, Wellington, concentrado n'este rincão das Hispanhas, propozera á Inglaterra os seus vastos planos de guerra defensiva, cujo principal ponto de apoio devia ser a arrojada construcção das formidaveis linhas de Torres Vedras.

Apoiados por uns, combatidos por outros, os projectos do generalissimo britannico foram, afinal, adoptados, e em novembro de 1809 expedia a Regencia do Reino as ordens necessarias para o recrutamento e remonta do exercito.

Ao mesmo tempo, começava a construcção das famosas linhas. Wellington, de concerto com a a Regencia, conseguira que esta désse as ordens mais terminantes para que tudo que pudesse trabalhar se empregasse sem descanço n'esta obra sem egual. Em agosto de 1810 mais de 25:000 homens se occupavam em levantar a muralha bronzea, contra a qual devia de vir partir o disco luminoso a estrella do Principe de Essling, o primeiro de todos os marechaes do Imperio, o invencivel Masséna.

Seguia o recrutamento do exercito portuguez par e passo o constante progredir das fortificações que havia de vir guarnecer, depois de se haver provado triumphantemente na mais celebre das batalhas d'esta campanha; — a batalha do Bussaco. Beresford dirigia a instrucção militar dos novos conscriptos, e superintendia na fundição das innumeras bocas de fogo destinadas a Torres Vedras. Masséna, ao defrontar-se com as famosas linhas, viu-se em frente de mais de cem reductos e fortes, armados de cerca de trezentas peças de artilharia, que um exercito de 34:000 baionetas guarnecia e defendia.

Tal era, em resumo, a parte material e militar d'esta grande obra. Um outro designio, porém, mais terrivel para os povos que o deviam executar, acompanhava este plano, e como que fazia parte integrante da sua execução pratica. Este designio traduzia-se n uma exigencia derrancada. — Logo que os francezes, entretidos com o cerco de Ciudad-Rodrigo, a tomassem, e se dirigissem para Portugal, todo o paiz que lhes fazia caminho lhes devia ser entregue, mas *nu e deserto*...

E assim o ordenou a Regencia, e assim o executou a população transmontana, animada de uma heroicidade e abnegação verdadeiramente admiraveis. Tomada, com effeito, em principios de junho, Ciudad-Rodrigo, entrava Masséna em Portugal, e punha cerco á praça de Almeida. Rendida esta, em consequencia da terrivel explosão que a desmantelara, continuou o invasor a sua marcha a 16 de setembro, dia que, por outro acontecimento não menos digno da memoria de todos nós, deve ser sempre lembrado. — Vinte e sete annos depois, a 16 de setembro de 1837, nascia no Paço das Necessidades «*esse bom rapaz*,» [1] que se chamou D. Pedro V, e por mal de todos nós tão prematuramente arrebatado para o sepulchro.

A 27, dava-se a batalha do Bussaco, formidavel, gloriosa para o exercito anglo-luso, por certo, mas que, afinal, outro effeito não teve, senão o de mostrar quanta era já a disciplina do recem-reorganisado exercito portuguez, e de quanto valor e coragem elle estava disposto a mostrar-se capaz no decurso d'esta memoravel campanha.

A 30, entrava Masséna em Coimbra, e d'aqui por deante começa a tomar corpo a lamentavel mas heroica peregrinação de duas provincias do reino transferindo-se para a capital.

Tristes e terriveis dias, os primeiros do memoravel mez de outubro! A medida que o exercito invasor penetrava no coração do reino, surgia o incendio, a ruina; pronunciava-se o deserto. Wellington retirando diante do vencido de Alcoba — singular recurso para um vencedor! — ia levando diante de si a população. Apoz, sobrevinha Masséna, cujos soldados, não encontrando depois que haviam penetrado em Portugal, senão um continuo deserto de casas queimadas, de searas devastadas, de campos talados, de ruinas ainda fumegantes mas solitarias sempre, se vingavam assassinando velhos inermes, sacerdotes veneranos, crianças e mulheres, por onde quer que a impossibilidade de acompanhar a multidão lhes deparava estas victimas imbeles de seu despeitoso furor.

Afinal, accolhido Wellington ás suas famosas linhas, uma enorme massa de gente veiu entrar em Lisboa, faminta, andrajosa, miseravel. Calculou-se em 50:000 pessoas as que penetraram dentro da capital, sem contar as que ficaram nas villas e aldeias suburbanas.

Era preciso acudir a estes desgraçados. Os Governadores do Reino, o Senado da Camara e diversos benemeritos cidadãos organisaram por differentes modos largos serviços de caridade, e entre estes foi inaugurada a distribuição quotidiana de sopas economicas, que se serviam á multidão em diversos sitios da cidade. Um dos pontos em que tal distribuição se realisou foi o largo de Arroios, á entrada do qual, á direita, indo para as portas da cidade, se achava, e existe ainda, o palacio, chamado do Senhor de Pancas, residencia dos membros da casa de Linhares, um dos quaes,

[1] Expressão textual de A. Herculano, fallando na reunião promovida no salão do theatro de D. Maria II, em 1856, pela *Associação promotora da educação do sexo feminino*.

o Principal Sousa, fazia parte do conselho da Regencia. No meio do largo erguia-se, resguardado por uma especie de monumental maquineta envidraçada, o notavel *Cruzeiro de Arroios*, que ainda hoje se conserva na proxima parochia de S. Jorge.

Domingos Antonio de Sequeira foi testemunha occular da distribuição da sopa economica n'este local, e do facto nasceu a composição e existencia da celebrada estampa que hoje reproduzimos. D'ella nos occuparemos no seguinte artigo mais individuadamente, recorrendo ao que a tal respeito nos deixou contado um escriptor de toda a competencia, cujo trabalho, porfim, não foi concluido, e cuja prematura morte ainda hoje lamentam os sinceros amigos das Bellas-Artes portuguezas. — Referimo-nos ao nobre Marquez de Sousa Holstein, tão intelligente, quanto illustrado enthusiasta do nosso progredir artistico, e á biographia que elle escreveu, do grande Dominhos Antonio de Sequeira, e da qual ainda chegaram a apparecer alguns capitulos nas *Artes e Lettras*, publicação que não tendo continuado, foi causa, de certo, a ficar truncado tão bello quanto copioso trabalho.

Gomes de Brito.

O sacerdocio catholico e a sua missão

> «Acima de tudo, carissimos Filhos, lembrae-vos de que a condição indispensavel do verdadeiro zelo sacerdotal e o melhor penhor de bom resultado nas obras a que vos consagra a obediencia hierarchica é a pureza e a santidade da vida. «Jesus começou por operar, antes de ensinar». Como elle é pela prégação do exemplo que o sacerdote deve preludiar á prégação da palavra».
>
> (Carta Encyclica de S. Santidade Leão XIII, Papa pela Divina Providencia, aos arcebispos, bispos e ao clero de França, em 8 de setembro de 1899).

Quizera só ter de que elogiar o clero, factor potentissimo na obra meritoria da pacificação humana e luz nitente de civilisações esplendidas.

Quando a aurora de Bethlem ainda não tinha raiado sobre as terras do povo eleito, já eram de ha muito sacerdotes entre os homens.

A religião começou certamente na hora em que a pupilla do primeiro antepassado da nossa especie foi ferida pela visão primitiva das coisas.

O culto á Divindade, quaesquer que sejam as fórmas extravagantes que o hajam revestido, acha-se estabelecido universalmente e os historiadores mais antigos faliam-nos de ritos e de mysterios religiosos.

Moysés e Herodoto, os quaes estiveram em relação directa com povos da mais remota origem nas idades longinquas, hebreus e egypcios, revelam-nos a existencia do sacerdocio, de que, por outro lado, tambem dão noticia os caracteres hyerogliphicos e outros signaes de linguagem escripta, cujo segredo de interpretação foi possivel devassar em tempos bastante proximos.

E' innegavel porém, que o papel civilisador do sacerdote antigo, nem attingiu proporções de verdadeiro pezo na marcha das gerações extinctas nem até a natureza das ceremonias cultuaes, ordinariamente veladas a olhos estranhos, era de molde a imprimir certa direcção animica que determinasse transformações radicaes no individuo e espiritualisação profunda das idéas.

Para isso, era mister quem tivesse a força psychica de vencer o sensualismo grosseiro em que vegetava a raça degenerada e a convicção intima do seu destino superior.

Aquelle celebre Balthasar a cujo reinado ephemero e dissoluto pozeram remate rude e tragico os soldados de Cyro, dá a medida do que eram então e foram depois largos periodos os costumes e habitos sociaes.

É famosissima de significação vergonhosa a inscripção de Sardanapalo, que por decoro me abstenho de reproduzir.

Vê-se todavia, que no momento do Messias, tudo quanto dependia da acção do homem enfermava dos mesmos males deleterios que haviam abysmado Babylonia e reflectia no desregramento continuado em que elle se engolfava o seu estado degradante de materialisação estupida e de completa indignidade moral.

No meio d'este abatimento colossal em que pareciam jazer em lethargia interminavel as nobres faculdades que distinguem o ser racional dos brutos, surgiram por vezes homens de organisação excepcional e de espirito levantado, que dirigiam vista perscrutadora ás almas embrutecidas, exprimiam-se na lingua divina da verdade e ousavam convidar as gentes não escravas á contemplação serena das alturas do Empyreo.

Foi assim que Socrates e Platão, astros de primeira grandeza e de sciniillação inextinguivel nos horisontes da humanidade, tocaram o zenith do saber e illuminaram a Grecia pelos deslumbramentos da sua philosophia pura.

Não bastava isto para regeneração do homem: eram poucas as intelligencias capazes de comprehender o sentido grandioso das doutrinas graves dos fundadores de escola e não echoava a sua voz no amago da multidão, que o direito considerava simples propriedade e expungia da classe dos livres.

Roma veiu em seguida, submetteu o mundo conhecido e impoz os deuses do paganismo á adoração suprêma.

É sabido até que ponto estremo de aberração e de torpeza chegou a sociedade romana e qual a importancia irrisoria da massa de idolos levada pelas armas vencedoras para os altares do pantheon dominador.

Durante o governo do imperador Augusto nasceu na Judéa, Jesus Christo, que foi crucificado em tempo de Tiberio, seu successor. É evidentemente desnecessario n'um paiz catholico, especificar as bellezas do Evangelho n'este logar e fazer encomios embora justissimos, ao apostolado consagrado diante dos seculos pela cruz d'um martyr divino; mas é conveniente, por isso mesmo que não é falso, insistir na recordação d'um facto historico de valor tambem positivo e de incidencia real na vida pratica das gerações catholicas, a instituição do clero.

Os nossos padres são os successores legitimos dos Apostolos, a quem o filho de Maria confiou o deposito da sua palavra e o poder de transmittil-a.

Porém, a mais augusta e solemne das suas recommendações, o preceito excellentissimo que em si encerra o objectivo luminoso de todas as aspirações logicas e sãs e a summula increada de toda a sciencia é sem duvida o «*Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem sicut dilexi vos.*»

Amae-vos uns aos outros! — nenhuma expressão sobrepuja no conceito intrinseco e no effeito salutar esta formula simplicissima do mais habil dos medicos e do melhor educador dos mestres.

Infelizmente, comtudo, o clero portuguez alheou-se muito da bonissima iniciação do Redemptor e da uncção captivante propria do seu ministerio sagrado.

«A vida do bom Religioso, lê-se no capitulo 19.º, livro 1.º da *Imitação*, deve ser com todas as virtudes registada, para que tal seja de dentro qual aos homens apparece de fóra.»

Quem não tem a consciencia de manter-se nos actos da vida em nivel moral perfeitamente contido nas linhas que acabo de transcrever, deve antes abraçar qualquer sciencia ou arte mundana do que exhibir-se ao publico sob as vestes sacerdotaes e as insignias santas, mentindo ao mandato constantemente e desauctorisando a religião da paz e do amor.

São dignas de meditação profunda as seguintes phrases lucidas e insuspeitas do doutor Pedro João Cornelio Debreyne, presbytero e religioso da grande Trappa, na sua obra magnifica *Estudos de Theologia Moral, considerada em suas relações com a Physiologia e a Medicina*: «Era tambem convenientissimo que as auctoridades ecclesiasticas vigiassem com muita solicitude a admissão d'individuos ao sacerdocio.

«Deviam excluir geralmente os homens indecisos, como por exemplo os nervosos e impressionaveis em excesso, os hypochondriacos e melancholicos, predispostos a todos os desvarios e aberrações d'uma imaginação exaltada e irrequieta; os que por idiosyncrasia organica ou por temperamento tem paixões excessivamente exaltadas; especialmente os que possuem os caracteristicos proprios do que se chama cabeças fracas, espiritos credulos, visionarios, supersticiosos, phantasticos, lunaticos; e emfim todos os sujeitos que teem um entendimento falho, por mais piedade e instrucção theologica que possuam. Pois vale muito mais um homem de animo forte, e de entendimento recto e são com uma instrucção mediocre, do que um erudito sem juizo, e por conseguinte sem prestimo e sem capacidade para a vida de padre.»

Os padres pelo contacto em que estão com o povo, pela missão generosa de caridade que se suppõe deverem exercer gostosamente, pela natural vocação, unico motivo sério do sacerdocio, representam na realidade um elemento poderosissimo de morigeração e de sympathico ensinamento social, contribuindo portanto em primeira linha para o progresso verdadeiro e para a civilisação geral.

As tricas politicas, a ambição peccaminosa, a cubiça sordida, a impostura e a hypocrisia refalsada, todos os termos synonimos de vicio ou de malicia não se adaptam bem n'uma figura humana dignificada por ordem de divino auctor e cujo fim sublime na existencia dos povos é pôl-os em communicação arroubante com os mysterios sagrados da religião do sacrificio espontaneo e da virtude austera, orvalhado aquelle e dulcificada esta pelo sangue do Calvario, pela certeza da immortalidade.

As seguintes palavras do ancião venerando que ora preside aos destinos da Egreja Romana são acrédoras de registar-se com empenho e de propôr-se como estimulo: «É preciso que o Sacerdote saia da sachristia e se misture com o povo para exercer sobre elle a sua benefica influencia». — «É necessario que exhorteis os Sacerdotes a que convivam com o povo, não devendo conservar-se reclusos na Egreja e sachristia, sem animar-se do espirito apostolico de S. Francisco Xavier que ia de um paiz a outro, prégando por toda a parte o Evangelho».

A subtil intelligencia do seu ministerio primacial, não podia de facto dictar aos labios de Leão XIII, exhortações mais sinceras e conselhos mais paternaes.

E tão azadas foram as occasiões e favoravel o ensejo d'aquella sua locução, quanto é certo haver-se dirigido a dois membros do clero, frei Harmel, e Dontreloux, bispo de Liege.

Não falta ao clero, na epoca presente, um pontifice modelo de claras virtudes e de sciencia profunda na pratica da vida como na apreciação justa dos afectos e das inclinações; o que porém, accusa deficiencia grandissima é a disposição actual dos animos avêssa na maioria dos individuos a deveres de austeridade e a principios generosos de dedicação incondicional, ainda mesmo santificantes.

Parece ser trabalhado por espirito maligno, que causa dissidencias lamentaveis com as quaes gosa intimamente e dividido de modo insensato por verdadeiras questiunculas de interesse particular. Resultam d'aqui males gravissimos de que não são os padres as victimas primeiras e exclusivas.

É certo que elles padecem, mas tambem soffrem os povos para os quaes o officio da sua palavra, quando reflexo nitido de intenções puras e thesouro liberrimo de bons ensinamentos, é o instrumento certeiro do progresso crescente e da plena harmonia social.

Infelizmente deslumbra-os a eminencia das altas posições, deixam-se enleiar nas malhas zombeteiras da ambição mal dissimulada e calcando escrupulos de ordem envolvem-se em negocios do seculo, estranhos inteiramente ás responsabilidades summas do sacerdocio.

São estes exemplos que trazem ao meu animo o convencimento de que é necessidade imperiosa não serem acceites sem provas incontestaveis de vocação sincera os individuos que impetram dos prelados a sagrada investidura.

Urge dar tempo ao tempo: não me parece que baste a clausura do seminario ou o calculo fallivel que fixa a edade para recebimento dos diversos graus ecclesiasticos a garantir seguramente de que não ha disfarce no sentimento e de que não foi fementida a profissão.

É mister que cada ordenando haja evidenciado por actos não dubios comprehender o valor d'estas expressões do Concilio Tridentino, sessão 23.ª:

«Sendo manifesto pelo testemunho da Escriptura, Tradição Apostolica, e unanime consenso dos Padres, que pela sagrada Ordenação, que se executa com palavras, e signaes exteriores, se confere graça: ninguem deve duvidar, que a Ordem seja verdadeira, e propriamente um dos sete Sacramentos da santa Egreja. O Apostolo é quem diz: «Admoesto-te a que excites a graça, que está em ti, pela imposição das minhas mãos. Pois Deus nos não concedeu espirito de temor, mas de esforço de amor e sobriedade.» E nada escapou á solicitude previdente d'aquella assembléa soberana, porquanto ainda na mesma sessão ficaram consignados estes capitulos excellentes:

«Insistindo o santo Concilio nos vestigios dos antigos Canones, determina, que quando o Bispo se dispozer a dar Ordens, sejam chamados á Cidade todos os pretendentes do Ministerio Ecclesiastico, na quarta-feira antecedente á dita Ordenação, ou quando ao Bispo lhe parecer. E o Bispo aggregando a si Sacerdotes, e outros sugeitos prudentes, e peritos na Lei Divina, e praticos nos sagrados Canones, investigará, e examinará com diligencia o nascimento dos Ordenandos, e suas pessoas, idade, instituição, costumes, doutrina e fé.» «Ninguem d'aqui em diante seja promovido

Dom. Ant. de Sequeira Ac. Rom. inv. del. e abrio os cont. das fig.

Greg. Franc. de Queiros esculpio as figuras a Agua forte em 1813

A S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor, Augusto, Pio, Magnanimo, Pae da Patria

D. O. C.

Domingos Antonio de Sequeira, Lusitano
Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. R. Mestre dos Ser.mos Snr.s Principe, e Infantes, Academico de Merito na Inclyta Academia de S. Lucas em Roma, e das principaes da Italia,
Director da Aula de Desenho na Real Academia da Marinha da Cidade do Porto, esta Estampa, q̃ copiou do natural, Representa a distribuição do alimento, q̃ se repartia no Cruzeiro de Arroyos aos infelizes emigrados q̃ desampararão as suas terras assuladas pelo Exercito Francez na invasão de Outubro de 1810, e forão acolhidos e sustentados pelos moradores de Lisboa com o mais louvavel patriotismo e humanidade

Fac-simile de um exemplar pertencente ao sr. Carlos Maria da Silva Flores

á Ordem de Subdiaconado sem ter de idade 22 annos, ao Diaconado 23, e a de Presbytero 25. Mas saibam os Bispos, que os que tiverem esta idade devem ser assumptos a estas Ordens, mas sómente os dignos, cuja probidade de vida tenha logar de idade avançada.»

«Tambem os Regulares se não ordenem de menor idade, nem sem diligente exame do Bispo: rejeitados totalmente quaesquer privilegios n'esta materia».

Eis uma legislação irreprehensivel, cujo cumprimento embora faça recusar muitos mercenarios que seriam pessimos padres, attingirá com menor numero de levitas honestos o fim suprêmo de Jesus quando dizia aos discipulos:

«Ide, annunciae a minha doutrina a todas as gentes».

Ora, sendo ella a doutrina do amor e do perdão, e clarissimo occorrer ao clero catholico a obrigação de exemplifical-a, desviando-se das veredas tortuosas da vida profana, despindo se de sobranceirismos improprios e de invejas mesquinhas ás dignidades e honrarias alheias.

Fallando dos sacerdotes americanos disse o illustre Tocqueville na sua obra magistral *De la Démocratie en Amérique*:

«Ils ne se mêlent point aux querelles des partis, mais ils adoptent volontiers les opinions générales de leur pays et de leur temps, et ils se laissent aller sans résistance dans le courant de sentiments et d'idées qui entraînent autour d'eux toutes choses. Ils s'efforcent de corriger leurs contemporains, mais ils ne s'en séparent point».

O que resulta d'este nobre procedimento?

Não só a opinião publica lhes é favoravel. mas apezar de serem os Estados Unidos um paiz regido por formas republicanas a religião catholica caminha lá com largo incremento.

«Le monde aura un jour son agonie, sa fin; mais l'Église catholique, jamais. Il est vrai, elle quittera le lieu de l'exil au dernier jour, mais ce sera pour entrer en triomphe dans la céleste patrie où elle sera couronnée reine, en sa qualité d'épouse du Christ, et chantera à jamais l'hymne de l'éternité.. »

Não póde ser outra a linguagem da verdade e eu, fazendo minhas as transcriptas phrases do abbade Robert na sua carta 12.ª *A um doutor de Oxford*, rematarei ousando pedir ao clero portuguez que não esqueça nunca a significação santa d'esta expressão mystica, tantissimas vezes nos seus labios:

«*Pax domini sit semper vobiscum.*»

D. Francisco de Noronha.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero antecedente)

IV

CONTINÚA A NARRATIVA DO ESCRIVÃO DA FROTA — CELEBRA-SE A PRIMEIRA MISSA

No domingo de Paschoela ([1]), pela manhã, determinou o capitão que se fosse ouvir missa e sermão n'aquelle ilhéo e mandou a todos os capitães que dispozessem os seus bateis e fossem com elle, o que tudo assim se fez.

Mandou que no ilhéo ([2]) se armasse um toldo ou esparavel de tenda, e debaixo d'elle se levantou um altar muito bem feito. Ahi, com todos nós, fez dizer missa, a qual foi celebrada pelo padre frei Henrique, com voz entoada e acompanhada com aquella mesma voz pelos outros religiosos ([3]) e sacerdotes, que todos alli estavam.

Segundo o meu parecer, foi esta missa por todos ouvida com muito prazer e devoção. Alli estava com o capitão a bandeira de Christo, com que partiu de Belem, a qual esteve sempre hasteada da parte do Evangelho.

Acabada a missa o celebrante tirou as vestes sagradas, e sentou-se n'uma cadeira alta, e nós todos nos sentámos pela areia, afim de o ouvir prégar.

Fez frei Henrique uma solemne e proveitosa oração sobre a historia do Evangelho, e no fim d'ella tratou da nossa vinda e do achamento d'esta terra, conformando-se com o signal da Cruz, sobre cuja obediencia viemos, a qual veiu muito a proposito e muito nos sensibilisou, pela devoção das suas palavras ([1]).

Emquanto estivémos na missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente como a do dia anterior, com seus arcos e settas, a qual andava folgando e olhando-nos muito.

Depois da missa, quando nos assentámos á prégação, levantaram-se muitos dos indigenas e tocaram busina, e começaram a saltar e a dançar um pedaço, e alguns d'elles se metteram em almadias, umas duas ou tres que ahi tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi, sendo formadas apenas por umas tres traves atadas juntas. N'ellas se mettiam quatro ou cinco ou os que queriam, não se affastando quasi nada de terra, senão emquanto tinham pé.

Acabado o sermão dirigiu-se o capitão-mór, acompanhado de todos nós, para o batel, trazendo-se hasteada a nossa bandeira; embarcámos e fomos seguindo junto á terra para passarmos junto dos indigenas que estavam nas almadias, indo adeante Bartholomeu Dias, no seu esquife, por mandado do capitão, com um pau de uma almadia, que o mar lhes levara, para lh'o dar, e nós todos seguimos atrás d'elle na distancia de um tiro de pedra.

Quando os indigenas viram o esquife de Bartholomeu Dias, chegaram se todos á agua, mettendo-se n'ella até onde mais podiam. Acenou-se-lhes para que depozessem os arcos e muitos d'elles os iam logo pôr em terra e outros os não punham. Andava alli um que falava muito aos outros para que se affastassem, mas não que a mim me parecesse que elles lhe tinham respeito, obediencia ou medo. Este, que assim os andava affastando, trazia arco e settas e andava pintado com tintura vermelha pelo peito, espadoas, quadris, coxas e pernas até abaixo. Os vasios, como a barriga e o estomago, eram da sua propria côr, e a tintura dá um certo vermelho que a agua não desfazia nem comia, antes quando sahia da agoa parecia mais viva.

Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias e andava entre elles sem que lhe entendessem nada, nem tentassem fazer-lhe mal, antes dando-lhe cabaços d'agoa e acenando aos do esquife para que saltassem em terra. Mas Bartholomeu Dias não fez caso e voltou para junto do capitão, vindo nós para as náos para comer, tocando-se trombetas e gaitas sem se lhes dar mais attencção. Elles tornaram a assentar-se na praia e assim por então alli ficaram.

No ilhéo, onde fomos ouvir missa e o sermão, espraia muito a agua e descobre muita areia e cascalho.

Foram alguns, quando nós ali estavamos, buscar marisco, e não n'o acharam. Encontraram-se alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um muito grande e muito grosso, que em tempo algum o vi tamanho. Tambem acharam cascas de berbigões e ameijoas, mas não lograram trazer nenhuma peça inteira.

Logo que acabámos de comer vieram todos os capitães a esta náo, por mandado do capitão-mór, com os quaes elles se apartou, e eu na sua companhia, para conferencia.

Assim reunidos nos perguntou o capitão a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir e saber d'ella mais do que agora nós podiamos saber, por irmos de nossa viagem.

Entre as muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos, ou pela maior parte, dito que seria muito bem mandar a nova, e n'isto convieram.

E logo que essa resolução foi tomada, perguntou mais o capitão se seria bom tomar por força um par d'estes homens para os mandar a Vossa Alteza e deixar aqui por elles dois degredados. A este respeito accordaram em que não seria necessario tomar os homens pela força, porque era costume geral, dos que assim se levavam contra vontade para alguma parte, dizerem que ha ahi tudo o que lhe perguntam; e que melhor, muito melhor, dariam informação da terra dois homens d'estes degredados que se deixassem do que elles dariam se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem elles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem dizer, que muito melhor estes outros o não digam, quando cá Vossa Alteza mandar. E que, portanto, não se tratasse de tomar individuo algum por força, nem provocar escandalo, para de todo mais captivar e pacificar os naturaes, mas sómente deixar aqui os dois degredados, quando partissemos. E, tendo isto parecido melhor a todos, assim ficou determinado.

(Continua)

([1]) A 26 de abril de 1500.

([2]) Esta parte do ilhéo chama-se hoje *Corôa Vermelha*.

([3]) Eram sete os missionarios franciscanos que iam começar a conquista religiosa das novas regiões descobertas no Oriente. Tres d'elles morreram em Calicut em 16 de outubro de 1500, trinta e tres dias depois da sua chegada; os restantes tiveram a mesma sorte em 3 de abril de 1502.—Vide Cardoso: *Agiologio Lusitano*.

([1]) Não podemos deixar de accrescentar a esta tão sobria descripção, mas de um tão puro e tocante sabor, as seguintes linhas emprestadas dos *Quadros de Historia Portugueza* do sr. I. F. Silveira da Motta, e que de algum modo a completam:

«Assistiram á missa em terra os navegantes, ataviados das melhores télas e de luzidas armas; e debaixo d'aquelle céo puro, n'aquella atmosphera balsamica, perante aquelles horisontes esplendidos, um profundo sentimento de confiança em Deus devia animar esses homens ajoelhados em frente do mesmo altar, esquecidos dos perigos e fadigas, e enlaçados pelas recordações, pelas crenças, pelos trabalhos e pelo pensamento de gloria, que mais ou menos se erguia em todas aquellas almas de bronze.» (Edição de 1879 — pag. 136.)

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

XIII

A Gertrudes baloiça a chave na mão acariciando com o olhar o metal que rebrilha.

— Por acaso, vi-o um dia escondel-a acolá, murmura.

— Volta a pôl-a no seu logar, diz elle ainda uma vez.

Ella carrega a sobrancelha, e com um risinho:

— Ora aqui está o que haviamos de tentar!

E, sempre falando, deita-lhe a soslaio um olhar desconfiado, procurando ler-lhe no rosto o que pensará.

O João sente o coração bater-lhe com força, e no fundo de alma amanhecer-lhe um presentimento de que vão commetter uma falta.

— Tudo isto ficaria entre nós, João, diz-lhe ella carinhosamente.

E elle feche os olhos. Seria delicioso ter um segredo com ella!

— E que mal fariamos? continuou a Gertrudes. Porque ha de elle ter segredos, esconder-se de nós que somos seus mais chegados parentes no mundo?

— Por isso mesmo não deviamos enganal-o.

A Gertrudes bate com o pé no chão.

— Enganal-o... ! Que coisas feias que tu dizes!

E, amuada, accrescenta:

— Bem; não falemos mais em tal!

Já se dispõe a levar a chave para o esconderijo; mas começa a brincar com ella e porfim diz com uma gargalhada:

— Tanto mais que esta não presta.

Approxima-se da porta e põe se a comparar, maneando a cabeça, a chave e o boraco da fechadura; depois, por um movimento repentino, fal-a entrar.

— Mas serve!

E, fingindo-se muito espantada, olha por cima do hombro para o João, que, de pé, por detraz d'ella, segue-lhe com olhar ancioso os movimentos da mão.

— Dá-lhe volta, diz brincando e recuando um passo.

O João estremece. Ó Eva, ó tentadora!

— Dá-lhe volta e deixa-me só metter a cabeça para espreitar, diz a rir. Tu não precisas olhar.

Então elle, cedendo a um repentino movimento de violencia, dá uma volta á chave.

Pela porta aberta de par em par chega-lhes da janella um jacto de luz brilhante.

Desenha-se no rosto da Gertrudes o desencanto. Vêem apenas um quarto simples, mobilado como um escriptorio de negociante, de paredes nuas e caiadas. Ao meio uma grande mesa de trabalho, grosseiramente pintada, cheia de amostras de grãos e de livros de contabilidade; n'uma das paredes estão pendurados uns fatos velhos; na outra, em frente, está suspensa uma prateleira com uns cadernos azues e uns livros de encadernação barata. O João lança em volta um olhar cheio de timidez, approxima-se depois dos livros e começa a ler-lhes os titulos.

Que lugubre bibliotheca! São livros de medicina tratando das doenças do cerebro, das lesões do craneo, e d'outros assumptos do mesmo genero; dissertações philosophicas sobre a hereditariedade das paixões, uma *Historia dos accessos de colera e suas terriveis consequencias*, e, de Kant a *Arte de soffrear pela só vontade os sentimentos morbidos*. Ha tambem umas obras litterarias, mas quasi todas só tratam do fratricidio. Ao lado de romances sombrios como o *Fim tragico de toda uma familia em Elsterwerda*, estão a *Noiva de Messina* de Schiller e o *Julio de Tarento* de Leisewitz. A propria theologia se acha representada por um certo numero de pequeninos tratados sobre o peccado mortal e o seu perdão. Ao lado, nos cadernos azues, estão archivados com cuidado extractos, diversos estudos, de permeio com melancolicas considerações sobre as experiencias e o pensar pessoal do Martinho.

— O João deixa cahir os braços.

— Pobre, pobre irmão! murmura suspirando, com o coração apertado.

Então a mão da Gertrudes poisa-lhe no hombro. E logo lhe aponta para um escripto collocado por cima da porta, perguntando-lhe em voz baixa, anciosa.

— Que quer aquillo dizer?

Lêem-se no escripto, em grandes letras d'oiro estas palavras:

LEMBRA-TE DO FRITZ!

O João não responde. Deixa-se cahir n'uma cadeira, esconde o rosto nas mãos e chora amargamente.

A Gertrudes não faz senão tremer. Chama-o pelo nome, deita-lhe os braços ao pescoço, tenta tirar-lhe do rosto as mãos; mas vendo todos seus esforços inuteis, ella tambem desata a chorar.

Ouvindo-lhe os soluços, o João ergue-se lentamente e lança em volta um olhar espantado. Vê suspensos na parede uns fatos de criança, de tempos remotos. Bem os conhece. A mãe conservava-os como reliquias no fundo do armario; um dia lh'os mostrára dizendo-lhe: «É o fato do teu irmãosinho que morreu.» Desde o dia em que ella deixára o mundo, o fato depparecêra. De resto, nunca mais pensára n'isso.

Um frio de gêlo percorreu-lhe o corpo.

— Vem, diz á Gertrudes que ainda não deixou de chorar.

Saem do escriptorio. A Gertrudes quer logo sahir do moinho.

— Leva primeiro a chave, diz-lhe elle.

Descem juntos as escadas que vão dar ás machinas; e, quando a chave voltou para o seu logar, precipitam-se para o ar livre, como perseguidos pelas Furias.

XIV

Nunca mais tiveram em suas relações a innocente alegria d'outros tempos.

São cumplices agora.

Que alivio confessar ao Martinho a tolice que fizeram! Mas irem os dois juntos ter com elle e dizer-lhe: — «Perdôa-nos, que peccámos!...» não era possivel, era uma scena em demasia theatral, e aquelle dos dois que a seu cargo tomasse uma confissão de tal ordem assumiria grande vantagem sobre o companheiro: tão proximo do Martinho está um como está outro, e aquelle que primeiro quebrasse o silencio pareceria forçosamente mais sincero, menos culpado. Além d'isso prometteram-se uma discripção absoluta; e tanto mais dispostos então a cumprir a palavra quanto receiam mecher no assumpto: nem sequer um com o outro se atrevem a falar em tal á vontade.

Por isso tanto mais se vão enfronhando em segredinhos e misterios: uma qualquer palavra pronunciada á mesa, por innocente que seja, assume logo um sentido particular, mais serio; cada olhar trocado é signal d'um concerto secreto.

O Martinho não dá por coisa alguma; uma vez ou outra notou que «os meninos» muito perderam da antiga serenidade, que não lhe saem alegres como d'antes as cantigas. Mas não diz nada: cuida que houve entre elles qualquer questão, que andam amuados.

Passada uma semana, um dia em que o Martinho se fechou no escriptorio, a Gertrudes enche-se de animo e diz:

— Olhe lá, João, parece-me loucura apouquentarmo-nos assim. A historia tola mais vale esquecel-a.

— Se fosse tão facil fazel-o como é dizel-o! respondeu elle com ar melancolico.

Ella desata a rir alegremente e elle põe-se a rir tambem.

— Na verdade é facil.

Mas tomaram gosto ao misterio e não perdem o costume. A menor brincadeira tem mais esse encanto, é preciso que o Martinho «seja como fôr» não desconfie de coisa alguma; e se, por acaso, approximam os rostos coxixando, afastam-se, ao menor barulho, cheios de medo, como se tramassem alguma conspiração criminosa.

Nem palavra disseram, nem um só olhar trocaram, nem quasi um pensamento tiveram que deva temer a luz do dia; mas as almas é que perderam a flôr da innocencia.

Entretanto chegara a vespera de S. João.

Sopra quente o vento. A terra parece embriagada, tanta flôr a cobre cujos trepadores perfumes bebe a longos tragos

Os tufos de jasmins e os alburnos parecem cobertos de espuma branca; abrem seus calices as rosas da primavera e os botõesinhos das tilias comecam a desabroxar.

A Gertrudes na varanda, deixou sobre os joelhos cahir o bordado e toda se entrega ao sonho. O aroma das flôres, o calor do sol, subiram-lhe um tanto á cabeça, mas isso que importa? não são seu elemento d'ella o perfume das flôres e o calor do sol? Quereria banhar se toda no sopro em braza, esvasiar todos os calices, comtanto que dentro tivessem fosse o que fosse para beber-se.

No moinho terminou o trabalho um pouco mais cedo que o costume: os moços do moinho querem ir para a aldeia festejar o S. João. Querem dançar, queimar barricas de alcatrão, fazer quanta doidice lhes permittirem as forças.

A Gertrudes dá um suspiro. Quem mais dos de casa poderia lá ir?... O Martinho esse póde ficar em casa, mas o João, o João, esse devia naturalmente...

Lá está elle á entrada fazendo-lhe signaes com a cabeça. Depois deita se no banco defronte d'ella .. Está estafado com aquelle calor: trabalhou a valer.

Passam-se uns minutos e levanta-se.

— Vou me embora d'aqui; este calor suffoca-me.

— Aonde vais?

— Até ao rio. Queres vir?

— Vou.

E deixa o trabalho para lhe tomar o braço.

(Continúa).

A TORRE DE QUINTELLA

(NOS SUBURBIOS DE VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES)

O conde de Raczynski, diz que, exceptuando as margens do Rheno, será difficil encontrar em parte alguma, tão grande numero de castellos, como o que existe em Portugal. *(Les arts en Port. Cartas XXV e XXVIII).*

A torre ameiada e isolada, que damos em estampa, não é a parte restante de qualquer d'esses castellos, como são, por exemplo, as torres da Lapella, de Braga, e outras que o leitor conhecerá de *visu* ou de fotografias e gravuras: estas torres integravam-se no conjuncto fortificado que as envolvia, como torres de guerra ou de menagem.

A Torre de Quintella, pela sua situação no fundo d'um valle tão apertado que mais propriamente se diria um covão, e pela ausencia absoluta de vestigios de fortaleza que a circumdasse ou se lhe apoiasse, é, creio, uma torre senhorial. O seu destino seria, além de afirmar na região em volta o senhorio do fidalgo seu proprietario, tambem o de armazenar os foros, rendas e pensões, que se lhe pagavam.

Entre as dez torres, (melhor dizendo, *cubellos*) que guarneciam o primitivo recinto do Castellejo (no actual Castello de S Jorge) uma tinha de nome *Torre Albarrã*, ou *do haver*, por ser deposito ou cofre dos productos dos impostos e das rendas (Ju io de Castilho, *Lisboa Antiga*).

Analogamente seria a Torre de Quintella, supomos nós

A torre é toda construida de cubos graniticos, tem quatro balcões nas faces e outras tantas atalaias nos angulos da linha de ameias. Pelo estylo parece-nos dever ser do começo da monarchia, ou talvez anterior. É semelhante áquellas duas acima citadas, que conhecemos apenas pelas gravuras, e á do mosteiro de Leça do Bailio, que vimos por mais de uma vez como tributo de admiração que pagamos sempre, se nos demorâmos no Porto.

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, diz da Torre de Quintella: — «Uma torre feudal, acastellada e com ameias, que não sabemos se ainda existe».

Existe e muito bem conservada externamente, embora não seja utilisada, pois que os pavimentos interiores já desabaram.

Aquella informação, accrescenta Pinho Leal:

«Em um desenho da mesma torre, que se vê em um tombo muito antigo, se lê, por baixo do desenho esta decima:

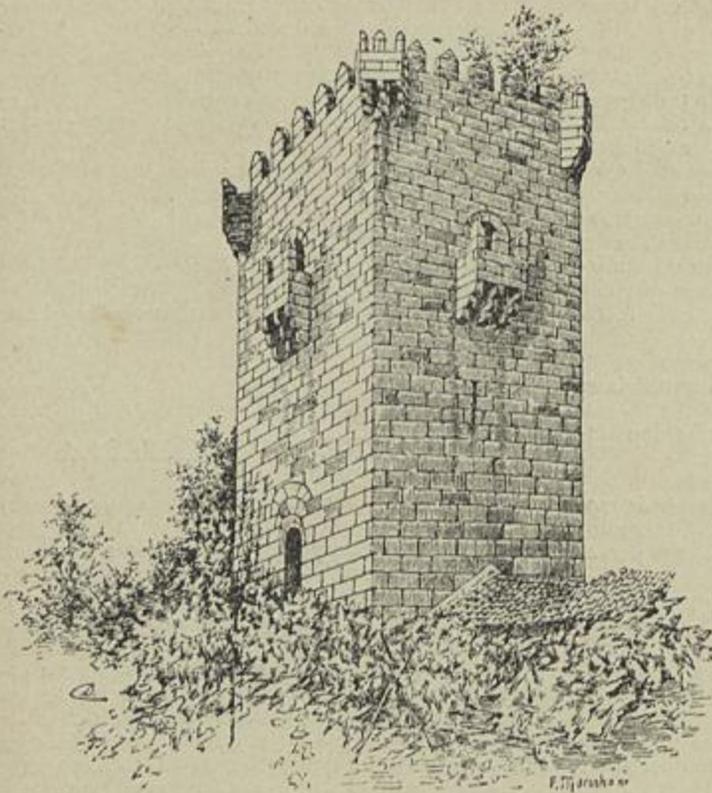
Junto a Villa-Real
Se vê uma torre antiga,
Que contra a hoste inimiga
Fez um Conde, Portugal,
Com mil fóros; para a qual
Dita torre de Quintella,
Ainda hoje toda aquella
Visinhança reconhece
Dos fóros o tombo a este,
E d'esta maneira a ella.

«*Contra a hoste inimiga*», não comprehendemos, dadas as razões que acima ficam averbadas. Conjecturamos que o popular chronista e versejador arrevesado, se deixou levar, n'esta nota, da impressão que lhe fez a forma «acastellada» (dizer de P. Leal), da Torre.

Aceitamos sim que fosse mandada erguer por um conde (no sentido d'este vocabulo no regimen medieval) e para tombo dos seus fóros.

Na nossa curta residencia em Villa-Real, o que apurámos sobre o caso, pouco foi.

Na *Memoria Historica Ms. de Villa Real* existente no archivo municipal, tomámos nota da seguinte passagem:

«Das familias nobres, que antes da fundaçam da

A TORRE DE QUINTELLA

(Desenho do natural pelo sr. Diogo Silva)

Villa, já existiam entre os povos visinhos, cujos senhorios possuiam, era uma a da casa d'Anta, que ao tempo de D. Diniz, (o fundador da villa) possuiam Gonçalo Annes de Contreira e sua mulher Maria Afonso, etc., etc.» *(Este ramo Contreiras, da casa d'Anta, está hoje na familia Villarinho de S. Romão).*

«Era outra *(trata-se de familias nobres)* a da casa da Torre de Quintella» *(sem mais nome ou appellido de pessôa).*

Reconhecida fica assim a sua antiguidade, remontando a tempos anteriores a 1321 (foral de Villa-Real), tempos em que a Villa de Constantim de Panoias, creada com foral do Conde D. Henrique, era a cabeça administrativa das Terras de Panoias.

Actualmente a propriedade d'esta torre, suppomos ser da sr.ª D. Margarida Pereira de Magalhães, pelo recente fallecimento de seu esposo, José Guedes Pereira de Castro, que era o representante dos possuidores historicos. Esta senhora é filha do fallecido ministro de D. Maria II, Felix Pereira de Magalhães.

Nos campos em volta ha casaes, que ainda pagam á Torre de Quintella, fóros em ovos, milhão, centeio, etc. Isto porém é resto de maior quantia, que já não carece de fortaleza para arrecadação segura. A casa proxima, de habitação, e que foi talvez solar, é hoje d'outrem. O ultimo senhor da Torre, residia em Lisboa, ou no concelho da Regua.

E nada mais temos para dizer, com visos de historia.

*
* *

Venha agora a lenda (dois traços, apenas) que recolhemos directamente dos labregos que por alli demoram no antigo feudo do Senhor de Quintella, e muito provavelmente descendentes de seus servos (ou taes como eram considerados, conforme o que sabemos pelos estudos de Herculano).

O caso da edificação d'aquella torre, passou-se assim.

Um rei nosso, muito antigo, agradecido aos serviços d'um guerreiro, fel-o donatario ou deu-lhe o senhorio de todas las terras que avistasse do alto da Campeã (na *Serra do Marão, a poucos kilometros de Quintella)* Ahi se estabeleceu um povoado *(colonia).*

Mais tarde, muitos moios d'annos *(60, cada moio),* veio o senhorio d'aquellas terras a dar na posse d'uma mulher, que o povo alcunhou de D.ª Lôba, pela avidez, pois que exigia, que todos los gados e rebanhos pastantes nas suas terras, fossem reconhecidos como seus, e outras vexações semelhantes, deixando aos pobres servos o que não podia deixar de ser.

Os povos, então, escandalisados de tanta usura, queixaram-se ao Rei, e o Rei deu-lhes razão.

Para correcção, pois, á sua avareza, o Rei ordenou á senhoria, que apeasse a torre do alto da Campeã, e a levantasse de novo no logar de Quintella, que é sitio fundeiro.

Assim, o territorio senhorial que se estendia, por leguas, a perder de vista, confinou-se a um trato de terreno que o olhar facilmente abrange.

E assim a D.ª Lôba foi lograda, para castigo da sua insaciabilidade.

Muito conceituosa e bem imaginada não ha duvida, mas pura lenda, como cremos, esta do transporte d'um monumento de tal solidez e vulto.

Houve efectivamente (ms. citado), outra torre no alto da Campeã, logar d'Arrabens, mas propriedade d'outra familia (Menezes).

Ainda uma terceira è memorada no mesmo documento, a de S. Payo na freguesia de Monçós. pertencente á casa de Resende, Não resta vestigios d'ambas.

No logar d'Agarez, foi-nos indicado o terreiro onde o povo do logar diz ter sido alçada uma torre. Nada resta tambem. A Torre de Quintella, não me inclino a que seja (consoante alguem me informou) a «Torre de D.ª Chama, castello que existe ainda, perto da casa dos Tavoras, em Lordello» («Anathema»). A descripção e a lenda que se lêem no romance de Camillo, não se ajustam áquella outra.

*
* *

Como quem guarda a farça para fecho do espectaculo, assim tinhamos planeado terminar com alguma nota aproveitavel, das varias notas picarescas que os camponeses nos contaram sobre o *tributo de servidão.* Mas vemos agora que o assumpto, sendo de molde para as conversas desenfadadamente prasenteiras á lareira dos casaes, em hora de magusto, assentados os velhos no escano, é deveras escabrosa para aqui. Fialho d'Almeida, quiz usar nos «Gatos» das liberdades de Gil Vicente, e não lh'o levaram a bem.

Pudor... moderno!

Mas, continuemos.

Sabemos todos pela Historia, e de ha seculos, a disposição que o povo patenteou sempre que poude em receber com vaias e sarcasmos os direitos que se arrogavam Clero e Nobresa (e o mesmo é dizer tambem os senhores da propriedade.)

Chegados os tempos modernos, entrando já a raiar a aurora da liberdade politica e economica, a nova população do antigo feudo de Quintella, começou de negar-se ao pagamento do *signal de servidão.*

Uma das ultimas cobranças tentada ainda pelo sr. fidalgo, para mostrar desse modo, que não renunciava nem desistia dos seus direitos tradicionaes, foi tratada pelo povo com zombarias tão humilhantes para o importuno senhorio, que valeu ao caso (frisam os camponeses) o bom humor do cobrador, nas replicas e ajustes, tendo artes até de tirar proveito da troça.

Um caso apenas:

O cobrador, já seguido dos rapazes mais galhofeiros do sitio, parou á porta da casa d'um dos que figuravam na relação que ia consultando, e depois de o instruir sobre o motivo da visita, concluiu:

— Então que signal quer você dar, seu F...?

— Um par de chavelhos.

— Está dito; mas... cheios d'azeite.

Averbou e seguiu caminho.

*
* *

Aproposito do assumpto d'esta noticia, temos ouvido afirmar a existencia d'outras torres semelhantes na forma e na intenção. Lembra nos, por exemplo, d'uma no Marco de Canavezes, o que nos foi noticiado por pessoa illustrada.

Certo é que até ha tres annos, (que vimos a Torre de Quintella) eram-nos desconhecidos taes monumentos em chão portuguez. E como pode ser que tal ignorancia atinja mais alguem, d'aquelles que não são indiferentes a velharias, rasão porque trazemos aqui mais esta recórdação de Villa-Real a juntar ás duas já publicadas n'esta mesma Revista.

A estampa é feita sobre um desenho á penna do nosso amigo Diogo Silva, citado já nos artigos anteriores, com os nossos agradecimentos.

Henrique das Neves.

Recebemos e agradecemos:

Mocidade, por *João Saraiva — Imprensa Portugueza, Editora — 112, R. Formosa — Porto — 1899.*

Com o titulo de *Mocidade* publicou o inspirado poeta sr. João Saraiva uma pequena collecção de algumas das suas poesias. Todas ellas são encantadoras e revelam o poeta primoroso que as escreveu.

João Saraiva tem hoje um logar muitissimo distincto na litteratura portugueza. A sua lyra desfere os mais harmoniosos sons e canta a mocidade, as flores, a Virgem e a natureza com elevada inspiração.

João Saraiva tem o seu nome já conhecido dos que apreciam a boa poesia, a delicadeza da fórma e graciosidade dos pensamentos, que tanto o distinguem. Imagine-se, pois, o alvoroço que deve ter causado aos seus admiradores o novo livro.

D'esse precioso collar de perolas, com pena de o não desatarmos por completo, roubamos ao acaso umas das joias. Vae sem escolha, para não nos vermos em difficuldades. Seja um pequenino poemeto, a formosissima composição que tem por titulo

CONFESSADA

Quando na egreja escura á confissão te ajoelhas,
Sobem-te logo ao rosto umas rosas vermelhas...
Que sombrio mysterio ou vergonhoso crime
Torna mais bello ainda o teu rosto sublime?
Eu conheço, Maria, o teu passado todo.
Nunca peccaste. O mundo é realmente lodo,
Mas a ti poz-te Deus duas azas de neve...
Deve um anjo córar por ser mulher? Não deve!...
Se tu, em vez d um padre e d'uma egreja escura,
Visses o proprio Deus na luminosa altura
Cercado d'anjos, tendo o globo aos pés, e então
Lhe fizesses, tremendo, a tua confissão,
Certamente que Deus aos anjos sorriria...
E se córasse alguem, não eras tu, Maria!...
Porque pureza egual á da tua alma, creio
Que nem no céo! O Mal nunca tocou teu seio.
Fazes inveja a tudo: á lua, ao sol, á flôr...
E has de ficar vermelha, aos pés d'um confessor!...
E confessar o quê? uma graça infinita?...
Anjo! pódes córar que ficas mais bonita!...

A edição, muito cuidada, faz honra á *Imprensa Portugueza*, do Porto, de cujos prelos sahiu.